



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores


Cristiane Prudencio dos Santos

**A ludicidade na sala de aula: considerando a subjetividade docente na
realização da sua prática**

São Gonçalo
2010

Cristiane Prudencio dos Santos

**A ludicidade na sala de aula: considerando a subjetividade docente na
realização da sua prática**



Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Pedagogia, ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Inês Ferreira de Souza Bragança

São Gonçalo

2010

Cristiane Prudencio dos Santos

**A ludicidade na sala de aula: considerando a subjetividade docente na
realização da sua prática**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
graduado em Pedagogia, ao
Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores
da Universidade do Estado do Rio de
Janeiro.**

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora: _____

Profª Inês Ferreira de Souza Bragança (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

Profª Tania Marta da Costa Nhary (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

São Gonçalo
2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família pelo encorajamento e em especial a Deus que a cada dia patrocina os meus sonhos, guiando o meu caminho.
A Ele toda a honra.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, meu mestre e autor da minha vida. A Ele que permitiu que mais uma etapa fosse realizada.

A minha amada família pelo esforço, por compreenderem a minha ausência e por me ajudarem em todos os momentos.

As orações e incentivos dos meus amigos e irmãos da I.E.M.Ebenézer e principalmente a compreensão que sempre tiveram comigo.

Em especial, a professora Inês Bragança, minha orientadora, que desde o primeiro momento depositou grande confiança em mim, pelo carinho, pelas conversas encorajadoras de cada encontro e por sempre me fazer acreditar que eu iria conseguir. Com certeza uma pessoa inesquecível para mim. Obrigada sempre.

A Tereza Cristina, pelas longas caminhadas divãs que tínhamos, pela sua amizade e apoio em todo o tempo.

A motivação e a colaboração dos meus amigos “telecentrinos”, em especial a dupla final Carine e Fábio.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram para que este trabalho fosse concluído.

A todos vocês a minha gratidão.

Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo.
Se é triste ver meninos sem escola,
mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar,
com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.
Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Essa monografia focaliza a reflexão sobre a importância de incorporar a ludicidade nas atividades realizadas em sala de aula na alfabetização, compreendendo que as experiências anteriormente vividas pelos docentes se apresentam como fatores preponderantes para a construção de sua prática. Procurei compreender como o lúdico vem se estabelecendo ao longo do contexto histórico dentro do ambiente escolar e como as histórias de vida auxiliam em um repensar da construção da práxis educativa. Tomando por base importantes referenciais teóricos, a pesquisa permite afirmar que o lúdico se planejado e bem aplicado, pode contribuir como importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Ludicidade; Subjetividades; Memória; Alfabetização e Aprendizagem;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: REVISÃO DE LITERATURA: BUSCANDO PISTAS NOS PERIÓDICOS E NAS PRODUÇÕES ACADÊMICA.....	14
CAPÍTULO II: COMPREENDENDO OS ASPECTOS LÚDICOS NO CONTEXTO HISTÓRICO, BEM COMO AS SUBJETIVIDADES PRESENTES NA PRÁTICA DOCENTE.....	19
2.1- Um olhar dirigido ao brincar no processo educativo.....	19
2.2- Formação, prática docente e subjetividade	22
CAPÍTULO III: UM MERGULHO NA PRÁXIS EDUCATIVA.....	25
3.1-Visitando a escola a procura de sinais.....	25
3.2-As histórias de vida entrelaçadas a práxis educativa.....	28
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
ANEXO I E II - Transcrição das entrevistas.....	39

INTRODUÇÃO

Esse trabalho focaliza a reflexão sobre a importância de incorporar a ludicidade nas atividades realizadas em sala de aula na alfabetização, compreendendo que as experiências anteriormente vividas pelos docentes se apresentam como fatores preponderantes para sua formação, bem como para construção de sua prática. Nesse sentido, perceber como as subjetividades, que estão presentes na trajetória docente, podem interferir ou favorecer uma prática lúdica em sala de aula, torna-se uma das questões norteadoras da presente pesquisa. Bragança (2001) ressalta que as memórias passadas recordadas revelam experiências que fazem sentido de forma singular para os narradores, sendo essas experiências dimensões fundamentais da formação, revelando formas de ser e estar na vida e na docência. Entender o processo formativo baseando-se nas memórias possibilita compreender o modo de ser do indivíduo enquanto sujeito que construiu suas experiências em um contexto social, cultural, familiar, escolar que contribuem para o seu modo de ser, tanto em nível pessoal quanto profissional.

Preocupar-se com uma prática pedagógica mais dinâmica, sugere entender a importância da ludicidade no processo de construção do conhecimento.

A ludicidade em sala de aula proporciona à criança experiências novas, em relação aos seus erros e acertos identificando-se como participante no processo; possibilitando a expressão do agir e interagir com o meio e o outro, desenvolvendo a percepção espacial estimulando a criatividade. Pelo brincar, a criança constrói um espaço de experimentação. Nas atividades lúdicas, esta, aprende a lidar com o mundo real, desenvolvendo suas potencialidades, incorporando valores, conceitos e conteúdos construindo sua individualidade e sua personalidade. O lúdico pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da criança, auxiliando a aprendizagem e facilitando no processo de socialização, comunicação, expressão e construção do pensamento sendo um dos instrumentos que favorece a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. A alfabetização, bem como a vida escolar deve ser um processo dinâmico e criativo através de jogos, brinquedos, brincadeiras, visando, assim, estimular a aprendizagem. Brincando, a criança aprende de uma forma mais prazerosa.

Através de brincadeiras a criança desenvolve a capacidade de perceber suas atitudes de cooperação e adquire oportunidades de descobrir seus próprios recursos e testar suas próprias habilidades, além do que, também, aprende a conviver com os colegas numa interação.

Através da atividade lúdica a criança forma conceitos, seleciona idéias, estabelece relações lógicas, integra percepções, e, acima de tudo, vai se socializando. A convivência de forma lúdica e prazerosa com a aprendizagem proporcionará à criança estabelecer relações cognitivas entre as experiências vivenciadas, podendo recriar sua visão de mundo e o seu modo de agir.

A pesquisa que toma como referência as memórias de formação possibilita perceber a prática docente, considerando as vivências anteriores, refletindo sobre a forma ímpar que o professor atua, percebendo ainda, através de seus relatos, a razão que o levou a escolha da docência, a importância que o lúdico possui e a relação deste no seu processo formativo. Moita (1995) destaca que descobrir o jeito como ocorre a formação é perceber como a atuação se faz de maneira singular nas suas ações e interações.

Como surgiu a proposta de pesquisar sobre a ludicidade, destacando a importância e influência das memórias formativas na prática docente? O lúdico já causava uma inquietação na minha prática enquanto professora, ao atuar possuía uma preocupação: queria desenvolver aulas mais dinâmicas, envolventes, participativas e práticas. Entretanto, mesmo parecendo simples entrelaçar o lúdico ao conteúdo, havia ainda, nas minhas vivências, certa distância que me separava dessa abordagem mais dinâmica. Essa dificuldade me faz lembrar minhas experiências como aluna do Ensino Fundamental, presenciava um ambiente escolar quase sempre tradicional, nas salas de aula as aulas em todo tempo eram marcadas pela preocupação exagerada com a disciplina - a imposição do saber com uma avalanche de atividades sempre foram os padrões firmados de aula, a rigidez na sala e o modelo conteudista demonstravam o quanto a escola era séria e preocupada com a educação. Apesar de não vivenciar uma prática lúdica, lembro-me com carinho de uma professora que tentou, de forma ainda muito singela, romper com o padrão já consolidado e em sua disciplina, ela utilizava brincadeiras para estimular a turma, possuindo dos alunos um visível respeito e entusiasmo de todos.

Meu interesse pelo lúdico permanecia, sendo assim, ao concluir o ensino médio na modalidade Curso Normal e ir ministrar aulas, a disposição das cadeiras e a muita disciplina me incomodavam. Não que considerasse que a turma precisasse estar desorganizada e em bagunça para promover a ludicidade, mas me preocupava reproduzir as práticas de muitos professores que marcaram minha formação. Nesse sentido, os professores que simplesmente passavam seus conteúdos como se detivessem o saber e nós apenas estivéssemos na posição de receptores, aplicando tão somente aquilo que Paulo Freire denominava como educação bancária, impulsionava-me a ter uma prática diferente das que presenciava. Apesar dos

poucos professores com referências lúdicas que tive em minha trajetória escolar estes me marcaram a ponto de querer tomá-los como referência e transformar a sala de aula em um ambiente em que flua a aprendizagem e haja, sobretudo, o interesse dos alunos. Nas aulas que atuava, mesmo que timidamente e sem muito planejamento, utilizava o lúdico em alguns momentos e, apesar de serem breves, conseguia perceber nos meus alunos uma alegria e um interesse contagiante de toda a turma. Dessa forma, acredito que os conflitos em minha prática, em especial no que se refere a ludicidade, vêm, dentre outros fatores, das marcantes atuações de professores, tanto aqueles que trazem boas lembranças e que serviram como referenciais, como também aqueles que tradicionalmente fizeram parte das tão conhecidas práticas reprodutivas me fazendo rejeitar uma prática passiva, conformada e sem compromisso com a educação.

Buscando, ainda, situar as motivações e caminhos que me levaram ao presente tema de estudo, posso dizer que na Faculdade de Formação de Professores as disciplinas de Ludicidade e Alfabetização, que trabalhavam o cotidiano escolar de forma prática e lúdica, também contribuíram muito para essa escolha, pois ao estudá-las me traziam pistas de como seria possível à união da teoria e prática. Entretanto, foi na disciplina de Estágio Supervisionado III que a reflexão sobre a formação do professor e a centralidade da memória que me levaram a articular a discussão prática docente lúdica às subjetividades e experiências docentes. Entendendo, tal como sinaliza Bragança (2009), que a formação do professor começa antes da vida estudantil e se prolonga por toda a vida não se limitando ao ambiente acadêmico.

No mesmo período que realizava o trabalho de campo em uma turma de alfabetização, participava dos encontros e das discussões na turma de Estágio, o que favoreceu a reflexão a respeito da vivência do lúdico e a sua prática na relação com as experiências de formação docente. As observações que fazia traziam uma série de questionamentos, questionamentos estes que eram relatados nas aulas de estágio, discutidos e com os quais podíamos pensar nos possíveis fatores que influenciavam as dicotomias e tensões entre a fala e a prática realizada, bem como o que havia sido estudado na suas graduações e o que incorporavam em suas ações práticas.

Partindo das inquietações mencionadas, o desenvolvimento metodológico do trabalho de pesquisa incluiu observações, registros no caderno de campo e duas entrevistas semi-estruturadas realizadas com as professoras da alfabetização do turno matinal e vespertino, além de revisão da literatura, incluindo monografias e periódicos.

A organização deste trabalho de pesquisa está distribuída em três capítulos. O primeiro traz uma análise a partir de uma revisão de literatura, pesquisando em monografias e periódicos a relevância dada ao tema; o segundo capítulo aborda a ludicidade no seu contexto histórico e as subjetividades que incorporam a prática docente; o terceiro apresenta a escola onde ocorreram as observações, expõe as entrevistas a fim de percebermos pistas para a compreensão das tensões entre a ludicidade e a sala de aula. E o quarto e último apresenta as considerações finais.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA: BUSCANDO PISTAS NOS PERIÓDICOS E NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Compreender a ludicidade e a sua relevância no panorama educacional foi o fator principal que me levou a analisar como este tema tem se apresentado nas monografias e periódicos a fim de perceber como a discussão do lúdico tem contribuído para promover um interesse por um aprofundamento no assunto.

Analisar a Revista Brasileira de Educação (RBE) e Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) se justifica pela importância que estas possuem no meio acadêmico. Já a escolha da Revista Nova Escola se faz pelo reconhecimento desta entre os docentes, principalmente, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental que, inúmeras vezes, a utilizam como uma espécie de guia prático, e, sobretudo, visto que os estados do Rio de Janeiro têm assinaturas para seus professores e o Ministério da Educação a distribui nas escolas públicas que possuem mais de 50 alunos matriculados.

A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos foi criada em 1944, possui patrocínio do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais e é formada por artigos com caráter técnico-científico, segundo informações divulgadas na apresentação do próprio site, capazes de possibilitar um desenvolvimento do conhecimento educacional. A revista é direcionada para alunos de graduação, pós-graduação e profissionais da educação com a sua periodicidade quadrimestral.

Foram analisadas as cinquenta e seis (56) edições dispostas na página oficial da revista, divulgadas desde o ano de 1991, o critério de seleção utilizado foi feito mediante ao título apresentado, bem como através de pesquisa dos termos apresentados. Nesse sentido, nesta primeira fase da pesquisa, considerando o título, foram encontrados quatro artigos tratando a importância da prática lúdica. Para assegurar uma investigação mais completa, utilizei palavras - chave referente ao tema como: lúdico, lúdica, lúdicas, ludicidade, brincadeira e brincadeiras, encontrando, desta forma, mais três artigos que, no seu interior, relatavam como as atividades lúdicas promoviam sensíveis mudanças ao serem incorporadas na metodologia de suas pesquisas.

A Revista Brasileira de Educação é destinada a publicações de artigos acadêmico-científicos, sua edição ocorre de forma quadrimestral pela ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, sendo requisitado por docentes, alunos e pesquisadores.

Para verificar a temática nas suas publicações foram analisadas as quarenta (40) edições da revistas apresentadas na página da internet desde o ano de 1995. Ao longo desses catorze (14) anos de publicações tornou-se evidente a total ausência de artigos que abordassem a ludicidade em suas pesquisas, a procura pelo lúdico e questões que contemplassem a brincadeira ou jogo também foram levadas em consideração para a pesquisa, contudo dos inúmeros artigos encontrados que compõe a revista nenhum registro a respeito foi encontrado.

A Revista Nova Escola aborda questões voltadas ao cotidiano de trabalho do professor, demonstra atuações de professores e apresenta soluções como exemplos para melhorias de práticas, sua divulgação é mensal, contudo, no mês de janeiro, a revista circula no final do mês utilizando-se para o mês de Fevereiro. Com uma linguagem bem simples e muitas ilustrações, a revista constitui-se como apoio aos professores.

Foram pesquisadas quarenta (40) edições publicadas desde o ano de 2006, neste sentido tornou-se evidente a presença da ludicidade nos projetos, aulas observadas, apresentando o lúdico incorporado à prática de professores, com atividades capazes de atrair os discentes em sala de aula ou ainda como sugestões práticas aos professores para resolverem alguns problemas, permeando, assim, as reportagens e artigos, possuindo uma ampla abordagem.

Confrontando os resultados das pesquisas dos periódicos em questão, tornou-se notório o desinteresse apresentado nas publicações de cunho mais acadêmico, observando que diante aos inúmeros artigos que compõem as revistas, ainda é ínfimo o total encontrado com apenas sete artigos. Enquanto que na revista mais popular, ou dirigida diretamente aos professores, as questões lúdicas apresentam-se maior importância e um amplo espaço.

Na revista acadêmica Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, os artigos encontrados tendem a transmitir e promover no leitor uma reflexão ao tema, levando o mesmo a aprofundar-se, visto os referencias que apontam e a forma como abordam a respeito. Entretanto, a revista Nova Escola que possui um maior acesso, ao utilizar aspectos lúdicos, prioriza, sobretudo, a forma prática, não enfatizando aspectos teóricos que possibilitariam ao

professor uma reflexão sobre sua prática enquanto ser agente, e preocupado em proporcionar aulas dinâmicas e teoricamente fundamentados. Textos que apresentam passo a passo como o professor deve atuar em sala de aula são facilmente encontrados, bem como, a forma de se posicionar com os pais, como agir com os alunos, o perfeito comportamento do aluno entre vários outros que seguem este mesmo perfil, estes são apresentados como se fossem manuais a serem seguidos pelos docentes que nem precisam questionar, cabendo, simplesmente a este o papel de aplicar o que está pronto e dado.

É necessário, que o professor compreenda a importância do brincar para o desenvolvimento da criança, entendendo a importância de perceber e planejar o espaço e tempo de brincar, podendo, assim, ter uma prática mais autônoma, utilizando-se dos periódicos ou qualquer outro material de apoio como uma possível consulta que estimule o pensar a sua própria prática entendendo a realidade pela qual está inserido, confrontando com os seus referências e planejando atividades relevantes ao seu ambiente.

Segundo Vygotsky (1998), ao brincar, a criança cria as zonas de desenvolvimento proximal, na qual, a mesma vive situações que estão além do seu nível de desenvolvimento real, promovendo um avanço no mesmo. Para ele os jogos e brincadeiras são importantes e essenciais fontes de desenvolvimento para as crianças promovendo um comportamento mais avançado.

A brincadeira cria zona de desenvolvimento proximal da criança que nela se comporta além do comportamento habitual para sua idade, o que vem criar uma estrutura básica para as mudanças da necessidade e da consciência, originando um novo tipo de atitude em relação ao real. Na brincadeira, aparecem tanto a ação na esfera imaginativa numa situação de faz-de-conta, como a criação das intenções voluntárias e as formações dos planos da vida real, constituindo-se assim, no mais alto nível do desenvolvimento pré-escolar. (VYGOTSKY, 1998, p.117).

Ao pesquisar os referidos periódicos, levantou-se algumas questões a respeito do tema no campo acadêmico, uma delas que nos inquietavam certamente estava relacionada a desatenção dada ao tema nas produções destinadas a esse espaço, como já mencionado nos parágrafos anteriores. Nesse sentido, pensou-se em também investigar as produções acadêmicas que haviam sido desenvolvidas pelos alunos em fase de graduação. Nesse intuito, meu lócus de pesquisa foi a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a faculdade na qual estudo - Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Pesquisou-se os Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC), assim como são chamados na UFF desde o ano de 1995 e as monografias da UERJ-FFP, desde o ano de 2001, procurou-se identificar através dos temas/palavras que nos indicassem o interesse pelo lúdico, também foram considerados os

trabalhos que se referiam à brincadeira, jogos e a ludicidade. Independente da série ou espaço, de todos os trabalhos encontrados, na UFF foram levantadas os seguintes, de acordo com cada ano, como ilustra o quadro a seguir:

Ano	Monografias escritas	Monografias encontradas referentes ao tema
1995	22	-
1996	117	3
1997	129	1
1998	40	1
1999	139	5
2000	161	4
2001	67	4
2002	123	5
2003	128	5
2004	185	12
2005	77	2
2006	153	6
2007	141	5
2008	129	12

Analisando os trabalhos pesquisados verificou-se que dos mil seiscientos e onze (1611) escritos constavam sessenta e cinco (65) referindo-se ao tema; na sua totalidade observa-se, mesmo que de uma forma muito tímida, um interesse por essa temática. A preocupação na sua maioria está em apresentar o lúdico como uma importantíssima ferramenta pedagógica ao docente, possibilitando assim, que este estimule o aluno a construir o seu conhecimento, experimentando de momentos, nos quais, a criatividade, a imaginação e todas as sensações proporcionadas pelo lúdico, interajam construindo um ambiente propício e prazeroso,

favorecendo dessa forma a aprendizagem. Os trabalhos acadêmicos abordavam a importância da brincadeira no espaço escolar, principalmente, na educação infantil, bem como, a utilização do brinquedo, do jogo como colaboradores de uma prática dinâmica e criativa.

A pesquisa a partir do ano de 2001 das monografias da UERJ - FFP se justifica pela não obrigatoriedade de elaboração da monografia nos anos anteriores, tornando-se obrigatório desde então, a entrega de monografia como requisito parcial para graduação em Pedagogia. Neste sentido, foram encontradas a totalidade de cento e cinco (105) monografias, nas quais nove (9) abordavam a temática sobre o lúdico e palavras afins. Observa-se nestas o interesse de investigar o lúdico e sua importância, sobretudo no universo infantil no espaço escolar.

Percebeu-se nesta pesquisa uma proximidade, no que se concerne a especificidade da série abordada, pois em sua maioria traziam como objeto de investigação o lúdico na educação infantil como sendo este o momento no qual a criança, através de seu desenvolvimento, utiliza-se a brincadeira como facilitadora e estimulante para uma aprendizagem criadora, entretanto as pesquisas pouco abordam a importância da ludicidade em outras etapas do ensino.

O levantamento das monografias nos indica uma pequena quantidade de produções acadêmicas referentes à ludicidade e como esta poderia auxiliar o docente em sua prática, levando-nos a pensar o porquê disto, pois apesar de ser um assunto abordado e conhecido pelos professores há pouca produção de pesquisas.

CAPÍTULO II

COMPREENDENDO OS ASPECTOS LÚDICOS NO CONTEXTO HISTÓRICO, BEM COMO AS SUBJETIVIDADES PRESENTES NA PRÁTICA DOCENTE

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.

Carlos Drummond de Andrade

2.1- Um olhar dirigido ao brincar no processo educativo

A realização de atividades lúdicas apresenta uma preocupação desde os tempos antigos, ainda na Roma e na Grécia antiga. Platão, citado por Kishimoto (1999) já relatava a educação como uma forma de perfeição para o corpo e a alma, reconhecendo como uma contraposição à violência e à opressão a necessidade de se aprender através de brincadeiras.

O jogo como aponta Brougère (1998) por muito tempo não era visto como educativo por não demonstrar um caráter sério, considerando-o uma atividade fútil. O jogo era marginalizado, uma vez que os adultos entendiam as crianças como ser que necessitavam ser disciplinadas para adquirir conhecimentos e a escola deveria ter a finalidade de demonstrar resultados. Portanto, o jogo por ser encarado como uma ação livre tendo como objetivo o fim em si mesmo era rejeitado do espaço escolar. A partir do século XIX, com novas concepções a respeito da criança, o jogo começa a ser associado aos aspectos educativos e de seriedade.

O conceito dominante de criança não valorizava um comportamento espontâneo. Foi por meio de Rousseau que houve uma mudança significativa na imagem da criança, associando-se, assim, uma visão positiva às atividades espontâneas.

O jogo baseado nas concepções de Froebel aparece intrínseco à criança, sendo espontâneo ao seu comportamento, devendo o educador estimular para que esta possa exteriorizar. Froebel afirma que:

O mundo do tempo livre das crianças, especialmente de seus jogos, é cheio de sentido e significação, é simbólico, quer dizer, suas manifestações exteriores e suas formas exprimem

certos estados e certos graus de desenvolvimento da vida interior do espírito humano, exprimem propriedades e exigências da própria essência do homem. (FROEBEL, *apud* BROUGERE, 1998, p. 69).

A criança, através do jogo, revela-se, exteriorizando aspectos futuros. O jogo apoiado nas concepções de Froebel começa a exercer um caráter sério, possuindo uma significação, se relacionado com a educação, em especial a educação infantil. O jogo então entra no espaço escolar, entretanto muitos não conseguem desassociá-lo completamente do caráter frívolo.

Piaget citado por Kishimoto (1998) também traz muitas contribuições em seus estudos abordando a questão do jogo e os aspectos lúdicos. Para ele o jogo representa uma atividade espontânea da criança, analisa o jogo e suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo. Piaget defende três tipos estruturais que caracterizam os jogos infantis, sendo: o exercício, os símbolos e as regras. O jogo de exercício apresenta-se na etapa definida por ele de sensório-motor. O jogo simbólico ocorre com a brincadeira de “faz de conta” em que a criança utiliza um objeto representando outro, exteriorizando, através das suas ações, a sua realidade. Por último, o jogo de regras que necessita de cooperações como nas dramatizações, marcando a atividade socializada.

Brougère tal como Piaget defende como uma característica básica da brincadeira o faz de conta, o que considera como segundo grau. Para ele o brincar faz referência a algo que realmente exista e quando transformado essa realidade ganha outro significado. A criança é capaz de representar uma situação, exteriorizando a realidade. Outra característica seria a decisão que, combinada com o faz de conta, forma o eixo central da brincadeira.

Apesar dos estudos mostrando a importância do brincar, a sociedade ainda mantém uma resistência ao fato referente a seriedade ligada a forma descontraída e dinâmica que envolve a brincadeira. As práticas educativas ligadas a brincadeira precisam deixar nítido os seus objetivos para que o brincar seja aceito como sério. O brincar, no entanto é valorizado como sério quando utilizado na forma de jogo educativo tendo como um dos objetivos reforçar o processo ensino aprendizagem. Neste sentido, Kishimoto destaca que:

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. (Kishimoto, 1997, p 36).

O jogo educativo é entendido como uma possibilidade de ensino para o docente, correspondendo à necessidade da criança quanto ao brincar. Corresponde a junção entre ação lúdica e a orientação do professor, tendo como objetivos adquirir conhecimentos e, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades na criança. No entanto, relacionar jogo e educação traz em

seu ínterim uma discussão acentuada, visto o equilíbrio que deverá haver entre estes.

Se no jogo educativo não existir equilíbrio entre a ação do professor e o respeito à liberdade da criança pode haver apenas o jogo ou apenas o ensino. Kishimoto (1999) destaca que quando empregados inadequadamente, perdem sua função lúdica de proporcionar prazer em proveito da aprendizagem tornando-se apenas material pedagógico ou didático.

Entende-se que o caráter educativo do jogo permite a criança manipular de forma lúdica o espaço familiar objetivados pelo controle do ambiente escolar, podendo assim, ser considerado como transmissor de valores e informações.

A brincadeira e o jogo são atividades que podem auxiliar o aprendizado da criança dentro da sala de aula: o lúdico torna-se um importante componente para um ensino qualitativo contribuindo para o desempenho e desenvolvimento integral dos docentes. A ludicidade proporciona benefícios às crianças possibilitando momentos únicos de diversão, responsabilidade e comprometimento com o aprender. É importante salientar que as atividades lúdicas não devem ser entendidas apenas como diversão ou momentos de prazer, mas momentos de desenvolver a criatividade, o raciocínio e a socialização.

Almeida (1998) relata que o lúdico originou-se da palavra latina "ludus" que significa "jogo". Entretanto, o termo lúdico representa mais do que o jogar, o brincar ou o movimento espontâneo como a semântica se refere. A ludicidade vivenciada no ambiente educacional, principalmente em sala de aula implica uma atitude de envolvimento do docente com a formação dos seus alunos, necessitando assumir um comportamento diferenciado do que era tradicionalmente instituído. O romper com o modelo internalizado torna-se para o professor um dilema à medida que este, em sua trajetória escolar, foi marcado por uma concepção culturalmente difundida, que o brincar é algo fútil, dispensável.

A brincadeira deve ser incorporada ao currículo escolar, recebendo uma atenção no planejamento pedagógico. A ludicidade como um dos eixos do trabalho pedagógico deve possibilitar inúmeras situações em que possa fluir a aprendizagem, permitindo ampliar os significados construídos pela criança.

O brincar proporciona a criança se relacionar com os conteúdos apresentados, se apropriando e transformando-o, dando-lhe significado. Possibilitar um ambiente em que a criança usufrua é um desafio ao professor, que deverá ter uma prática educativa diferenciada, percebendo-a como sendo um recurso com o qual as crianças desenvolvem o seu raciocínio e constroem o seu conhecimento de forma descontraída. Os professores precisam perceber a importância do brincar para o desenvolvimento do educando compreendendo a necessidade de planejar o espaço e o tempo, percebendo as contribuições desta prática para a formação do seu

aluno. Santos salienta a importância de uma aula diferenciada com a contribuição do jogo.

Os jogos tornam a aula bem mais atraente, devolve ao professor seu papel como agente construtor do crescimento do aluno, elimina o desinteresse e, portanto, a indisciplina, devolvendo a escola a sua função de agência responsável por pessoas mais completas. (SANTOS, 2000, p. 42)

Educar de forma lúdica difere de uma educação passiva, linear e sem atrativos, permitindo o educando se envolver ativamente nas atividades propostas tornando o ambiente prazeroso e alfabetizador. Neste sentido, a ação educativa em que a ludicidade esteja entrelaçada, ajuda o aluno a se desenvolver tornando-o mais disposto sendo um importante apoio para o educador na busca de uma educação, tal como nos aponta Leal (1984), em que a construção do saber e o aprendizado se manifestem de forma crítica e dinâmica. O autor ainda relata que só ocorrerá uma alfabetização criadora através do jogo, o jogo libertário, significativo e prazeroso.

Analisando a importância da ludicidade no contexto educacional e histórico e os benefícios que esta proporciona para um aprendizado mais dinâmico, fui instigada a refletir, também, sobre a importância da formação das alfabetizadoras, a partir das suas memórias e saberes. Nesse sentido, perspectivo que o modo como às professoras atuam e se relacionam com o conhecimento e a ludicidade em sala de aula, possua uma profunda relação com as suas histórias de vida, sobretudo com suas histórias de vida escolares, memórias que trazem marcas adquiridas ao longo de suas trajetórias, possuindo uma interferência direta na forma como atuam em suas práticas de sala de aula.

2.2- Formação, prática docente e subjetividade

O ser docente é constituído de um conjunto de histórias que se interpenetram. Nóvoa (1995) destaca que o professor é uma pessoa e o ser professor faz parte desta, não sendo possível desassociá-lo, desconsiderando tais aspectos durante as trajetórias profissionais.

Através da memória o passado surge nas lembranças, entrelaçando-se com as percepções do presente e as impressões do presente interagem com o passado fixando-se na consciência, não há como existir presente sem passado, sendo as ações, os eventos, os comportamentos que vivenciamos atos marcados na memória.

Nesta perspectiva, torna-se evidente que as relações vividas e os comportamentos realizados nas práticas docentes manifestem interferência direta das vivências do seu passado. Dessa forma as subjetividades que formam o indivíduo podem influenciar a forma como estes atuam em suas salas.

Bragança (2006) destaca que as narrativas dos professores possibilitam:

... a recriação do passado e a construção do futuro, por meio de um voltar à origem e de um inventário das experiências fundadoras.

Entendendo assim, que a reflexão sobre as histórias vividas é uma possibilidade de imersão interior, um reencontrar das experiências formadoras capazes de desvendar comportamentos praticados, tanto na esfera profissional quanto na pessoal. A análise das marcas do passado contribui para a compreensão da vida profissional em diferentes momentos vividos. Esse conhecimento pode levar ao professor a reformular as suas concepções a respeito da forma como ensina.

Os escritos autobiográficos dos docentes são considerados importante fonte de investigação da práxis e das experiências construídas em sala de aula. Baseando nas concepções de Nóvoa (1992) as pesquisas que tomam como referência as histórias de vida, consideram como fator central para a investigação a prática dos docentes, reconhecendo-se sua importância e procurando as ligações entre os aspectos pessoais e profissionais presentes na formação. Segundo Nóvoa (1992), as abordagens autobiográficas nos espaços educacionais se despontam pela intencionalidade de se produzir outro tipo de saber, um saber particularmente ligado à realidade e ao cotidiano dos professores.

As práticas docentes não se constituem do momento que os professores se encontram com as teorias pedagógicas, mas são construídas em contextos e histórias individuais em diferentes espaços que precedem à vida escolar, prolongando-se pela trajetória escolar e profissional. Bragança (2009) destaca que a formação do saber pedagógico não possui um lugar escolar específico, ele se constrói através de um processo de produção múltipla, entendendo ainda que a formação não possa ser considerada responsabilidade única das universidades ou lugares afins, precisando percebê-la como um algo contínuo que começa antes da ida a escola prolongando-se pela vida do professor.

Tardif (2000) destaca que os saberes profissionais dos educadores são temporais por se desenvolverem durante a carreira, sendo também plural e heterogêneo, visto que, o educador, ao compor a sua prática, utiliza-se de diversos conhecimentos constituídos ao longo de sua trajetória.

As experiências vividas por cada professor podem ser entendidas como peças que irão formando as suas identidades. Entendemos, então, que, tal como Nóvoa aponta, a construção da identidade é realizada com a composição de muitas outras, uma multiplicidade capaz de tornar um ser único com suas singularidades.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. (NÓVOA, 1992, p16).

Os docentes ao relatarem seus processos formativos, suas práticas e as suas histórias de vida, indicam, através dos seus depoimentos, como os processos vivenciados representam em suas ações. Suas falas são carregadas por valores, simbolismos que direcionam suas práticas. Neste sentido, através das colocações faladas sobre as suas práticas, os professores nos possibilitam, sobretudo compreender a forma como atuam, incorporando algumas práticas e rejeitando outras.

Bragança e Mauricio revelam que as histórias de vida são formadas através das recordações individuais em diálogo com as memórias coletivas ou comuns, construídas em grupos. A memória tal como nos aponta Jedlowski (2005, p. 87 *apud* BRAGANÇA; MAURICIO) é percebida como “uma rede complexa de atividades, cujo estudo mostra que o passado nunca permanece uno e idêntico a si, pois é constantemente selecionado, filtrado e reestruturado por questões e necessidades do presente, tanto no nível individual como no social”.

As subjetividades construídas durante a trajetória de vida são consideradas como uma colcha de retalhos que se constituem por diversos pedaços que, ao se juntarem, transformam-se em uma única peça. Trazendo a reflexão para a vida prática, o docente traz marcas de cada experiência vivida, reservando de alguma forma aspectos que mais lhe são significativos costurando-os com a sua singularidade, construindo, assim, suas práticas.

CAPÍTULO III

UM MERGULHO NA PRÁXIS EDUCATIVA

Sem dúvida brincar significa sempre libertação.

Walter Benjamin

3.1-Visitando a escola a procura de sinais...

A escola visitada para realização do trabalho de campo da pesquisa foi uma escola da rede municipal, localizada no município de São Gonçalo. A escola foi inaugurada no ano de 1993, atendendo a comunidade, por meio da oferta do Ensino Fundamental. O porquê desta escola se justifica pela boa aceitação ao trabalho e por terem projetos de professores da UERJ – FFP, favorecendo a nossa presença.

Deste modo apresentarei a escola dentre as suas estruturas. A escola possui uma estrutura pequena funciona em sistema de ciclos atendendo a comunidade local, possuindo aproximadamente duzentos e setenta e quatro (274) alunos, divididos em dois turnos com dez turmas, oferecendo exclusivamente o ensino fundamental. Possui uma quadra coberta, um refeitório, uma secretaria e uma sala de orientação educacional. As salas não possuem janelas devido a particularidade da sua construção, apresentando portas que podem ser abertas como fendas, os murais espalhados pela escola apresentam trabalhos realizados pelos alunos e com temas conscientizadores.

A procura de sinais em que a ludicidade se fizesse presente na sala de aula levou-me ao lugar de pesquisa, à turma e ao segmento, sendo definida a primeira série do ensino fundamental, anteriormente denominada alfabetização, do turno da tarde. Entretanto, devido à licença médica de gravidez obtida pela professora regente, optamos por acompanhar uma segunda turma do turno matinal, para termos uma visão da relação já estabelecida, considerando o convívio existente durante todo o ano letivo.

A escolha pela turma do primeiro ano do ensino fundamental se justifica por entender que, neste ano de escolaridade, inicia-se um distanciamento com as atividades lúdicas reservando-as a alguns momentos específicos, seja na hora da recreação, nas aulas comemorativas, nas aulas de educação física ou ainda nos espaços de tempo livre após o

cumprimento de todas as atividades consideradas sérias ou importantes para o trabalho com a leitura e a escrita e da leitura. Entendemos que as linguagens não verbais, em geral, são vistas pela escola apenas como uma forma prazerosa, sendo consideradas por muitos pais e professores como forma de distração desvinculada de qualquer questão educadora.

A observação foi desenvolvida ao longo de dez visitas, divididas em duas turmas, haja vista o motivo explanado. A sala observada possuía cartazes principalmente confeccionados pela professora, apresentava as famílias silábicas, as carteiras sempre enfileiradas, um cantinho no final da sala com brinquedos levados pelas professoras que eram utilizados pelos alunos em dias determinados pela mesma e uma estante com livrinhos de histórias de total acesso dos alunos. A sala era única, sendo utilizada tanto para a turma da tarde quanto para a turma da manhã. A primeira turma observada era regida pela professora Ana¹, sendo composta por dezoito (18) crianças de idade entre 6 a 8 anos. A turma observada na parte da manhã, regida pela professora Bárbara², contava com dezenove (19) alunos, sendo três com necessidade de atenção especial.

O contato com as turmas foi muito envolvente, as professoras, cada uma a seu tempo, me permitiram observar e auxiliar nas atividades propostas em sala de aula. As atividades realizadas em sala pela turma da tarde eram marcadas pela fixação e pela massificação. Os alunos recebiam quase sempre ao final das aulas folhas em branco para desenharem ou para fazerem o que quisessem, alguns desenhavam e outros se empenhavam para escrever várias vezes seus nomes completos, mostrando-o depois com grande satisfação. Observando várias vezes essa mesma rotina de atividade, percebemos que algumas crianças quase que automaticamente utilizavam a folha para escreverem diversas vezes o seu próprio nome. O fato de utilizarem suas folhas em um momento considerado livre para preenchê-la com seus nomes sem qualquer ilustração ou entusiasmo me inquietou a ponto de me fazer perguntar a um dos alunos o porquê de escrever sempre o seu nome - ele explicou que adiantaria antes que a professora pedisse para eles escreverem. Neste sentido, os momentos livres que a professora apresenta como forma artística, destinados ao prazer do desenho e ao aspecto lúdico são interrompidos pela fixação mecânica da escrita em série sem qualquer contextualização. Segundo a própria professora outro momento lúdico seria a utilização, em dias determinados por ela, de um cantinho de brinquedos confeccionado pelas professoras para brincarem.

¹ Nome atribuído no contexto da pesquisa.

² Nome atribuído no contexto da pesquisa.

O recreio era o momento pelo qual todos utilizavam para extravasar suas energias e se reanimarem para continuar suas atividades em sua sala de aula. O momento em que as crianças estavam no recreio não era assistido pela professora, que utilizava o tempo para corrigir as atividades no caderno ou livros.

Uma aula, entretanto que me chamou a atenção torna evidente a importância de uma postura lúdica em sala de aula, relatarei a experiência vivida. A atividade foi proposta pela professora, em um final de aula e a destaque visto que, dentre todas as outras presenciadas, esta demonstrava alguns momentos lúdicos, entrelaçando a aprendizagem, a curiosidade, o questionamento, envolvendo toda a turma.

Neste sentido, sinalizo a reflexão de Santos (1997) ao afirmar que o brincar é a forma mais perfeita para perceber a criança e estimular o que ela precisa aprender e se desenvolver. É importante enquanto docente e profissional da educação entender a brincadeira como uma possibilidade para uma aprendizagem apoiada na iniciativa e interação dos alunos.

A professora conversava com a turma a diferença entre os nomes comuns e próprios e propôs com os alunos confeccionarem um alfabeto personalizado por eles, utilizando nomes de pessoas ou lugares que eles conhecessem, muito entusiasmados eles pediram para professora colocar a música da Xuxa que narrava o abecedário com palavras referentes a letra citada, após cantarem a música a professora sorteou junto as crianças a letra que cada um falaria. Cada criança falava um nome de acordo com a letra que havia sido sorteada e a escreviam em um grande cartaz, trazendo uma satisfação nos alunos ao verem registradas as palavras que eles haviam falado e escrito; Eles formaram uma grande roda e cada um era orientado pela professora a passar um objeto para o colega, pedindo que este falasse o que havia sido solicitado ao concluírem a atividade eles escutaram a história sobre a Galinha Ruiva, em seguida a professora pediu que em duplas escolhessem um nome para a Dona Galinha e o escrevessem em uma folha, na qual também deveria ser ilustrada a história que eles ouviram. A atividade proposta pela professora promovia certa interatividade e participação de toda a turma. Neste sentido, as atividades lúdicas despertam sensações nos alunos proporcionando momentos de alegria e aprendizagem.

Observamos que a aula citada procurava atenuar a forma tradicional em que as atividades ocorrem em sala de aula, entretanto revela um dos impasses encontrados pelas educadoras em como envolver o jogo em sua prática, mesmo reconhecendo a importância do lúdico como uma ferramenta facilitadora para uma aprendizagem crítica e criadora existe a dificuldade em colocá-lo no planejamento. A professora Bárbara em seu relato evidencia tal

afirmativa.

... Não precisa haver um planejamento pra introduzir o lúdico, de repente determinadas atividades que eu tô dando eu puxo pro lúdico ali, puxo alguma coisa lúdica e vou brincando com eles ali, dentro do conteúdo sem que eles e eles ali vão brincando sem perceber que você tá dando o conteúdo

Uma possibilidade para entendermos esta dificuldade abordada pelas professoras pode ser atribuída pelos aspectos culturais que, por muito tempo, limitaram o jogo como uma recreação, aprisionando-o nesse espaço, criando neste sentido uma oposição entre o tempo de aula e o do jogo.

3.2 - As histórias de vida entrelaçadas a práxis educativa

Investigar as histórias de vida das professoras com relação à sua profissão nos leva a um mergulho nas lembranças e nas suas experiências. As professoras entrevistadas, que atuam na escola observada, estudaram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP, atuando, há aproximadamente dez anos na alfabetização. Como estratégia de compreensão da realidade vivenciada utilizou-se como metodologia um roteiro com questões para uma entrevista semi-estruturada, buscando pistas, através das experiências e também dos sentidos atribuídos às suas vivências através dos seus relatos. O estudo referente às escritas autobiográficas constitui uma fonte importante de investigação dos saberes construído nas práticas docentes. Bragança afirma que:

A narrativa como condição da memória possibilita o trabalho sobre as identidades profissionais, indicando a densidade da prática e as dificuldades encontradas no percurso profissional... No caso da formação docente, ao narrar o passado, vemos surgir uma versão sobre os encontros com a profissão e com as imagens da docência entranhadas no imaginário coletivo e individual. E as narrativas, porque sempre socialmente tecidas, vão dando tom e sentido aos múltiplos fios da práxis docente. (BRAGANÇA, 1990, p 97)

Neste sentido, tornou-se importante perceber quais foram as motivações que as fizeram escolher a docência para compreender as concepções sobre ensinar e aprender através de seus processos formativos.

Professora Ana: Desde pequena eu ficava brincando de dar aula, pegava a boneca colocava aquele monte de boneca no canto, ganhava quadro, ganhava giz, brincava com isso demais e acabei seguindo (risos).

Professora Bárbara: ... Dentro da minha família não tinha ninguém nessa área, eu sou de uma família que veio do interior do Norte, Nordeste e semi - analfabetos. Meu pai, minha mãe, não tinham instrução nenhuma, assim a vontade mesmo é que eu gostava muito de estudar, de ver os próprios professores dentro de sala[...] Os meus professores teriam me motivado.

Encontramos nos relatos das professoras caminhos diferentes para a escolha da profissão, enquanto uma das professoras mantinha o querer internalizado a ponto de reproduzi-lo em suas brincadeiras, a outra professora teria sido motivada por seus professores que foram suas referências.

Para percebermos se a trajetória escolar ou formativa possuía aspectos lúdicos que pudessem ser um referencial em sua prática, perguntamos se lembravam da presença da ludicidade no ambiente escolar e nos deparamos com as seguintes afirmações:

Professora Ana: ... Não lembro muito não, me lembro assim das brincadeiras que a gente tinha, mas da questão da ludicidade na sala de aula, não. Eu me lembro que a gente tinha umas aulas pra fazer artesanato, alguma coisa até fora do horário de sala de aula, mas assim a própria ludicidade na sala de aula era muito difícil, era mais tarefa no caderno, livro... Não tinha muito não e a educação física que, às vezes, tinha e isso eu lembro.

Professora Bárbara: Olha no colégio, a instituição não, mas antes de entrar nesta instituição escola tinha uma senhora que dava aula em casa e ela, os pais dela eram muito idosos e o pai dela fabricavam brinquedos de madeira caminhões, mesinha, móveis, então, a gente tinha dentro dali, tinha aquele envolvimento com a brincadeira, brinquedo com aquele material é... Triângulo são essas coisas de madeira que ela já trabalhava com uma parte antes de eu ir para a escola, como se fosse um pré-escolar. Ali com ela trabalhando cores essas coisas, então eu tive esse envolvimento, porque na época não tinha nem jardim, então essa trajetória, esse período foi assim teve essa parte lúdica com ela ali dentro.

Ao observamos as falas das professoras em diálogo com a prática observada, podemos levantar a hipótese de que as lembranças trazidas pela segunda professora tornam o seu envolvimento maior com o lúdico, visto as atividades que tenta desenvolver em suas aulas, apontam para características lúdicas.

Exercer a ludicidade em sala de aula, entretanto, torna-se completamente desafiador para as docentes entrevistadas, visto que, como elas próprias afirmam, não foram formadas nestes padrões e a mudança de atitude traz a incerteza, o desconhecido.

Apesar de o jogo ganhar reconhecimento às questões referentes a seu significado trazem muitas divergências, sobretudo relacionando-o à recreação, limitando o seu uso à Educação Física, visando à forma espontânea e sem intervenção, tal como ocorre na atuação da professora em sua prática. Mesmo associando a importância das questões lúdicas, como

relata na entrevista realizada, em que foi perguntado a respeito de quando o lúdico é realizado em sala de aula, ela não consegue desassociar o caráter recreativo. Vejamos o que afirma:

Professora Ana: Não tem um horário certo, não, e inclusive na minha sala tem um cantinho (...) um cantinho de dramatização que tem um fogãozinho, que tem o microondazinho, tem um cantinho da leitura e isso ajuda que quando eles acabam a atividade eles podem pegar o livrinho e tudo, brincar a gente não deixa o tempo todo não, tem aquele tempo que deixa... Eu tenho tudo guardado eles amam, adoram eu fiz também de recortes de jornais ilustrados, essas coisas... Quando pode a gente utiliza, esse cantinho mesmo da dramatização natural da casinha a gente sempre tira um tempinho pra que eles possam ir eles amam não é o tempo todo volta e meia eles estão, mas pra eles é bom.

Segundo Brougère (1998) a atitude da educadora se justifica por um modelo aristotélico no qual o jogo tem um molde recreativo.

O educador justifica a interrupção do ensino sob forma de recreação, estabelece interditos para evitar qualquer desvio contrário aos objetivos da educação, mas deixa as crianças livres para determinar seu conteúdo considerado sem importância... (BROUGÈRE, 1998, p. 54).

As aulas observadas no turno da manhã, mesmo sendo fortemente marcadas por aspectos tradicionais, possuíam uma maior preocupação por parte da professora em incorporar questões lúdicas, atraindo maior atenção por parte dos alunos. A atitude adotada em sala fica evidente em sua fala, uma postura diferenciada de quando a ludicidade é inserida em sua prática. Observemos o que ela relata:

Professora Bárbara: Não há em determinadas ocasiões que as coisas planejadas, que eu planejo, hoje eu vou dar isso, vou puxar aquilo ali, vou fazer uma brincadeira vou uma atividade relacionada como o que eu tô dando, mas tem momento que não ocorre assim, né? E, às vezes, de até uma determinada coisa que eles estão fazendo ali, você puxa uma brincadeira, é com rimas, com alguma coisa, brincando mesmo, sem que eles percebam que está puxando o conteúdo que você tá dando ali.

A professora demonstrava nas aulas observadas uma disposição em desenvolver momentos diferenciados aos seus alunos, incentivando-os a participarem das atividades apresentadas produzindo mesmo que basicamente um contexto lúdico.

A ludicidade mesmo sendo percebida como facilitadora do processo de aprendizagem por ambas educadoras, observamos dificuldade no entrelaçamento do lúdico às suas práticas. Os dados referentes a como o lúdico é utilizado, se ocorre algum planejamento para a sua utilização evidencia tal afirmativa.

Professora Ana: Olha a gente tenta realizar, mas nem sempre é possível trabalhar totalmente com o lúdico, se eu falar isso com você estaria mentindo, falta espaço, falta material, a gente não tem apoio até que esse ano o número de alunos não tá

muito grande não tem uma quantidade razoável, mas tem ano que tinha muito aluno na sala esse ano eu tive alguns problemas também. Estou grávida, no final de gravidez então fica um pouquinho mais complicado, mas a gente utiliza sim bingos, jogos, brinquedos a gente faz com garrafas tenta fazer é, cartazes coisas pra puxar pelo interesse, bastante pesquisa aqui a gente trabalha com muita pesquisa, não é o totalmente lúdico, mas também não é sem totalmente, não a gente trabalha também com atividade escrita no quadro com livro.

Professora Bárbara: [...] não tinha mais atividade é, assim, escrita, começamos a fazer uma atividade com brincadeiras com eles, naquele dia fiz com o nome de pessoas, então assim não precisa haver um planejamento pra introduzir o lúdico, de repente determinadas atividades que eu tô dando eu puxo pro lúdico ali, puxo alguma coisa lúdica e vou brincando com eles ali, dentro do conteúdo sem que eles e eles ali vão brincando sem perceber que você tá dando o conteúdo. Mas há também o planejamento de determinadas atividades que eu faço o planejamento é introduzindo aquele tipo...

As professoras vivenciaram em suas trajetórias e reproduzem, muitas vezes, em suas práticas o modelo dominador em que foram formadas. Tal como relata Freire, o educador se mantém na posição de detentor do saber, utilizando-se de modelos prontos que valorizam uma educação conteudista e autoritária.

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados. (FREIRE, 1983, p.68).

A respeito desta reflexão as professoras foram questionadas com relação às suas lembranças sobre a sua alfabetização, se durante as aulas havia aspectos ou atividades lúdicas ou tão somente as aulas eram conteudistas e passivas. As respostas mostram as atividades pouco atrativas e desestimulantes não contemplando em nenhum momento aspectos lúdicos.

Professora Ana: ... Eram atividades feitas mesmo escritas, leitura, livro, caderno era isso mesmo.

Professora Bárbara: Nada não tem imagem nenhuma, incrível já tentei, não tem imagem nenhuma da minha alfabetização [...] eu não queria ir pra escola.

A vivência com o lúdico na graduação aparece na entrevista articulada à possibilidade de construção da práxis educativa, visto que as educadoras conseguem perceber a importância dos conhecimentos teórico-metodológicos ocorridos neste período.

Professora Ana: [...] a professora de alfabetização que dava aula pra gente na época trabalhou muito bem esse lado, trabalhou muito com isso e a professora de matemática que trabalhou com a gente com diversos materiais que também podia levar isso pros alunos.

Professora Bárbara: Na faculdade eles apresentam muito a importância da ludicidade dentro do processo de ensino, né? De ensino aprendizagem. A todo o momento a

professora que trabalhava a parte de recreação, a professora de alfabetização, na parte de metodologia tinha muito direcionado essa área.

O professor deve ser o mediador no processo de ensino - aprendizagem e o aluno, o agente. Deste modo, ao inserir o lúdico em suas atividades o educador abre caminhos para envolver a todos, oportunizando o desenvolvimento de cada potencial. As professoras relataram, na entrevista, a importância da ludicidade em sala de aula relacionado a contribuição do lúdico para a aprendizagem do educando.

Professora Ana: Contribui né? Porque, às vezes ali no formal, aquela coisa a criança não aprende, às vezes num jogo, numa brincadeira, às vezes mesmo que a interferência não seja minha, seja de um colega, de um outro amigo ele consegue de repente aprender alguma coisa daquilo que ele não tinha conseguido antes.

Professora Bárbara: ..., eu gosto muito de trabalhar com o texto no início do processo de alfabetização com esses textos de música popular essas coisas que já são do conhecimento dele, então você trabalhar ali essa parte lúdica ... eles amam e a aprendizagem fica muito mais fácil você tem que ter o cuidado pra que aquilo não tome uma proporção, uma bagunça, né? As coisas têm que ser orientadas pra que ele envolva nessa brincadeira de forma organizada.

Ao nos depararmos com a fala sobre as contribuições que o lúdico proporciona observamos uma fala marcada pela ideologia em que estas foram formadas preocupadas com a disciplina e o excesso de controle, demonstrando o quanto se torna necessário maior conscientização das vantagens que o lúdico proporciona referindo-se à aprendizagem e o desenvolvimento das crianças ao se incorporar a ludicidade ao ambiente educacional.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu analisar a importância da ludicidade na sala de aula, considerando a subjetividade que o compõe como um fator preponderante para a construção da sua práxis docente.

Chego ao final deste trabalho convidando a uma releitura do que foi a pesquisa em minha vida, assim como neste trabalho proponho um olhar atencioso às histórias de vida dos docentes, trarei um pouco da minha história relatando as angústias, ansiedades, dúvidas e alegrias em que mergulhei ao escrever o que por algum tempo adiei, a minha: MONOGRAFIA.

O desafio de escrever a monografia desde os primeiros semestres da faculdade me trazia diversos questionamentos. Qual o tema a escolher? Que corrente seguir? Como fazer?... Enfim uma série de questões que me lançaram a buscar, de forma intensa, algo que me motivasse e que me instigasse a pesquisar. Encontrado o tema e as possibilidades metodológicas a seguir, fui a campo investigar as problemáticas encontradas pelos docentes para uma prática apoiada na ludicidade.

Os desafios estavam apenas começando, a escrita, verdadeiramente, foi um dos maiores que enfrentei - o fato de escrever um trabalho meu me paralisava por várias vezes, começava a escrever e, de repente, nada, não conseguia produzir, parecia que estava travada, tentava colocar no papel, mas as idéias simplesmente fugiam. Outro fator foi sem dúvida o implacável tempo que era necessário seguir, precisava registrar.

Certamente a paciência e o apoio da minha orientadora foram muito importantes para eu conseguir concluir esta importante experiência, a minha pesquisa. Ao me sentir completamente paralisada sem conseguir passar para o plano concreto, comecei a fazer uma incursão para entender os motivos que me retraíam, acredito que adiar a entrega era um apego a um projeto ou ainda fosse uma tentativa para me manter inscrita na Faculdade. Muitas vezes as lágrimas rolavam por tentar escrever, outras a alegria me invadia por avançar e perceber que estava encontrando uma direção, nestas condições fui estruturando o que eu passei chamar de *meus escritos monográficos*.

Ao terminar sinto-me realizada ao ver que mesmo como todas as nuances que vivi eu

consegui completar mais esta etapa, não com o sentimento de dever cumprido, mas com alegria de concluir o meu projeto de pesquisa, tão importante para a minha formação pessoal e acadêmica.

Ao fazer o levantamento bibliográfico para perceber a decorrência da ludicidade no panorama educacional, através de periódicos e monografias notamos o quanto o aspecto lúdico não é considerado na pesquisa acadêmica. Os dados coletados mostraram o quanto ainda é mínimo a pesquisa nestes espaços. Outro aspecto que ficou evidenciado com a pesquisa foi referente à etapa escolar valorizado para a ludicidade. Na maioria, a educação infantil era reconhecidamente o lugar escolhido para desenvolverem os aspectos lúdicos, as séries seguintes no ensino fundamental praticamente não eram abordadas.

Podemos perceber através das contribuições analisadas que o lúdico é uma importante e valiosa ferramenta pedagógica no processo de ensino aprendizagem. Entretanto, o brincar, tal como visto, ainda traz para muitos a idéia de “passatempo” descaracterizando-se da seriedade proporcionada pela aquisição do conhecimento que possibilita a ludicidade em sala de aula, pois a criança realiza as suas atividades de forma bastante compenetrada, demonstrando, no jogo, suas representações mentais e os papéis socialmente colocados no seu grupo familiar.

Entendemos que a ludicidade como uma prática pedagógica mais motivadora, sugere a necessidade de compreendermos a sua importância no processo de construção do conhecimento. O lúdico de uma maneira dinâmica permite a troca de significados e construções de novas representações acerca do mundo numa perspectiva compartilhada.

Com o jogo ou brincadeira, a realidade é vivenciada, podendo ainda criar outra implicando, deste modo o desenvolvimento da imaginação. A imaginação possibilita atitudes criativas nas questões encaradas pelos educandos, seja nas atividades ou em outros contextos. Sendo assim, a escola deveria considerar o lúdico como ferramenta utilizando-o para atuar auxiliando no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

A aprendizagem construída em um ambiente lúdico apresenta a sala de aula como um espaço saudável, onde a alegria, o prazer e descontração são características marcantes. Neste sentido, o lúdico auxilia a prática educativa, favorecendo a criatividade e a aquisição do conhecimento através da forma mais dinâmica que as atividades são apresentadas.

O jogo apresenta-se como espontâneo à criança, trazendo, assim, algumas contribuições para o desenvolvimento cognitivo. Neste sentido, observamos que Piaget classifica os jogos infantis, como: o exercício, os símbolos e as regras.

O desenvolvimento do trabalho sugere que o professor/a considere o favorecimento de situações em que a brincadeira possa ocorrer de maneira diversificada. A brincadeira enquanto um dos eixos fundamentais da organização do trabalho pedagógico deve estar entrelaçado ao planejamento pedagógico.

Diante da importância do lúdico mencionado anteriormente, buscamos desenvolver a pesquisa em uma escola pública municipal, localizada na cidade de São Gonçalo através de observação das práticas educativas e entrevistas com as professoras da alfabetização para refletirmos, por meio de suas histórias de vida, as significações e atribuições que corroboraram para a formação destas práticas.

A pesquisa na escola possibilitou-nos verificar a distância que existe entre o discurso e a prática concreta em sala de aula. Verificamos que apesar das professoras entenderem a ludicidade como facilitadora da aprendizagem aos alunos, as suas práticas exercidas em sala pouco oferecem características lúdicas, mantendo ainda cristalizados aspectos visíveis da valorização conteudista presente na formação escolar.

Neste sentido, o olhar dirigido às histórias de vida das educadoras nos possibilitou refletir sobre as relações entre a prática docente e as diversas dimensões da formação. Considerando, assim, que as práticas educativas que cada uma apresenta são carregadas de histórias que marcaram suas trajetórias.

Um fato importante a salientar considerando as subjetividades que compõem a prática docente é que a sua formação não ocorre apenas quando este é inserido em uma universidade ou por meio de contribuições teóricas, mas acontece durante sua trajetória de vida começando antes mesmo da sua ida a escola e permanecendo ao longo de sua vida.

Sendo assim, a entrevista com as professoras nos possibilitou levantar alguns indícios sobre as trajetórias vividas pelas professoras e as ligações que estas apresentam com suas práticas.

Através desta pesquisa buscamos compreender as problemáticas que interferem a prática lúdica em sala de aula, visto que os professores apresentavam, muitas vezes, claras intenções de utilizar a brincadeira incorporada em seus planejamentos pedagógicos, entretanto, ao atuarem, apresentam dificuldade no entrelaçamento prática-teoria-prática. Reflito, assim, sobre as marcas trazidas pela memória das experiências de formação e que estão presentes na subjetividade como dimensões fundamentais na construção da práxis educativa.

Não estou aqui apenas concluindo um trabalho, estes "*escritos monográficos*" apontam

para algumas possibilidades para uma temática tão complexa. Sendo assim, desejo despertar nos leitores, sobretudo nos educadores, o desejo de aprofundamento neste assunto que me proporcionou inúmeras descobertas.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica: Técnicas e Jogos Pedagógicos**. 10ª ed. Edições Loyola. São Paulo, 2000 (1974, Edição Original)

ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>. Acesso no dia 04 de julho de 2009

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org). **O sentido da escola**. 3ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ARAÚJO, V.C.de. **O jogo no contexto da Educação Psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas cidades/Ed. 34, 2002.

BRAGANÇA, Inês F. S. Fragmentos Autobiográficos: Memória e Formação Contínua de Professores. **Contexto & Educação**, Editora UNIJUÍ, Ano 16, nº 63, jul/set., p. 107-118. 2001.

BRAGANÇA, Inês F. S. A pesquisa educacional e a formação de professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 78, n. 188/189/190, p. 413-471, jan./dez 1997.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FIGUEIREDO, Haydée da Graça Ferreira; MORAIS, Jaqueline F S; TAVARES, Maria Tereza Goudard; HEES, Martha Pereira da Neves (Org.). **Vozes da Educação: 500 anos de Brasil**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2004.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: cotidiano do professor**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GARCIA, Regina Leite. **A formação da Professora Alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 2 a ed. São Paulo: Cortez, 1998.

KISHIMOTO, T. M. **O brinquedo na educação: Considerações históricas**. IN: O cotidiano na pré-escola, nº7, São Paulo, FDE, 1990.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedo e Brincadeira. Usos e significações dentro de contextos

culturais. In: SANTOS, S; MARLI, P. (Org.). **Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. SP: Cortez, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. São Paulo: Vozes, 1993.

LEAL, Antônio. **Fala Maria Favela**. Uma experiência criativa de alfabetização. Rio de Janeiro, Folha Carioca Editora. 1984.

MOITA, M. da C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora; 1995.

NEVES, Lisandra Olinda Roberto. **O lúdico nas interfaces das relações educativas**. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/ludicoint.htm>. Acesso no dia 10 de agosto de 2009.

NÓVOA, Antonio (org.) **Os professores e a sua formação**. Portugal: Publicações D. Quixote, Nova Enciclopédia, 1995.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: _____. **Os Professores e a sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, publicações Dom Quixote, 1992. (Coleção Temas de Educação, 39).

NÓVOA, Antonio. (org) **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995.

PILETTI, C. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1987.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. **Atividades Lúdicas na Educação da Criança**. São Paulo: Ática, 1994.

SANTOS, Santa Marli Pires (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, n. 13, jan./abr. 2000.

VASCONCELOS, Geni A. N. (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP& A, Vozes, 2001

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O Desenvolvimento dos processos psicológicos superiores** (4. ed., J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto, & S. C. Afeche, Trads.). São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

ANEXO I

Entrevista: Transcrição

Dia: /12/2009

Escola Municipal

Idade: 35

1-Quanto tempo atua como professora?

Mais ou menos uns vinte anos.

2-E na turma da alfabetização?

Aqui nessa escola aproximadamente quatro anos, eu já trabalhei em outras escolas, uns seis anos no totalizando uns dez anos.

3-Sobre a sua trajetória escolar de formação. Conte um pouco sobre a sua trajetória.

Eu não fiz educação infantil, nem alfabetização, na época eu estudei com uma pessoa que dava explicações em casa e essa pessoa me ajudou a escrever a ler que na época eu tinha uns cinco anos e pouco quase seis anos e tinha uma escola estadual próximo a minha casa que hoje em dia não trabalha mais com o 1º segmento do ensino fundamental e só trabalha com o segundo segmento e com ensino médio, mas naquela época ela foi comigo a escola, me levou passei por testes lá com o pessoal de, do SOE na época que hoje são orientadores educacionais, né, na época era SOE não esqueço disso o pessoal da secretaria e aí eles me matricularam numa segunda série porque eu já sabia ler, já sabia escrever, contar, né essas coisas básicas e me colocaram numa segunda série amparada por uma lei, mas que neste momento eu não lembro qual era a lei (risos) esqueci.

4-Quais foram as motivações que te levaram a escolher a profissão de professora?

Desde pequena eu ficava brincando de dar aula, pegava a boneca colocava aquele monte de boneca no canto, ganhava quadro, ganhava giz brincava com isso demais e acabei seguindo (risos). E alguém da sua família? Depois de mim tem, agora não, antes não.

5-E sobre a parte lúdica, você lembra-se de alguma ludicidade na sua trajetória escolar?

Olha, não lembro muito não, me lembro assim das brincadeiras que a gente tinha, mas da questão da ludicidade na sala de aula, não eu me lembro que a gente tinha umas aulas pra fazer artesanato, alguma coisa até fora do horário de sala de aula, mas assim a própria ludicidade na sala de aula era muito difícil, era mais tarefa no caderno, livro não tinha muito não e a educação física que às vezes tinha e isso eu lembro.

6-Essa brincadeira que você conta seria entre grupo de colegas?

Isso aí.

7-A sua alfabetização as atividades eram mais no caderno, explicação ou ela tentava trabalhar com brincadeiras?

Não, eram atividades feitas mesmo escritas, leitura, livro, caderno era isso mesmo.

8-E na sua graduação você teve a oportunidade de estudar a respeito da ludicidade do ponto metodológico?

Com certeza, com a professora de alfabetização que dava aula pra gente na época trabalhou muito bem esse lado trabalhou muito com isso e a professora de matemática que trabalhou com a gente com diversos materiais que também podia levar isso pros alunos.

9-Na sua pesquisa de graduação você lembra o seu problema?

Eu não me recordo muito bem não, mas eu acho que foi voltada para a leitura e escrita numa escola da prefeitura de São Gonçalo do Jardim Catarina, nós não estou me recordando muito bem, fomos divididos grupos e cada grupo ficava responsável por uma turma, depois noutro dia nós fizemos oficinas, mas sempre voltados para leitura e escrita.

Lembra a turma?

Eram todas, não era uma turma específica, não. Tanto que essas oficinas assim eram feitas com muitos livros de histórias voltados mesmo para leitura e pra escrita.

10-Na sua sala de aula e sua prática como que o lúdico é realizado em sala?

Olha a gente tenta realizar, mas nem sempre é possível trabalhar totalmente com o lúdico, se eu falar isso com você estaria mentindo, falta espaço, falta material, a gente não tem apoio até que esse ano o número de alunos não tá muito grande não tem uma quantidade razoável, mas tem ano que tinha muito aluno na sala esse ano eu tive alguns problemas também, estou grávida no final de gravidez então fica um pouquinho mais complicado, mas a gente utiliza sim bingos, jogos, brinquedos a gente faz com garrafas tenta fazer é, cartazes coisas pra puxar pelo interesse, bastante pesquisa aqui a gente trabalha com muita pesquisa, não é o totalmente lúdico, mas também não é sem totalmente, não a gente trabalha também com atividade escrita no quadro com livro.

11-Quando o lúdico ocorre em sala de aula? Essa pergunta estaria relacionada aos momentos que você acabou de relacionar, tem alguma preferência de horário, ou de alguma atividade específica?

Não tem um horário certo, não, e inclusive na minha sala tem um cantinho que você inclusive já observou que tem no final um cantinho que tem casinha, um cantinho de dramatização que tem um fogãozinho, que tem o microondazinho, tem um cantinho da leitura e isso ajuda que quando eles acabam a atividade eles podem pegar o livrinho e tudo, brincar a gente não deixa o tempo todo não, tem aquele tempo que deixa, tem no meu armário jogos

de montar, é letras móveis, coisas de bingo, não sei nem se te mostrei, te mostrei? eu tenho tudo guardado eles amam, adoram eu fiz também de recortes de jornais ilustrados, essas coisas... quando pode a gente utiliza, esse cantinho mesmo da dramatização natural da casinha a gente sempre tira um tempinho pra que eles possam ir eles amam, hoje mesmo você viu, né gostam de mais, então é mais assim a gente não deixa sempre porque, às vezes, mesmo que não esteja dentro daquele conteúdo, mas naquele momento ali estão socializando, não é o tempo todo volta e meia eles estão, mas pra eles é bom.

12-A ludicidade é utilizada na disciplina de educação física ou ela tem outra participação em outra disciplina ou numa recreação como ela é desenvolvida neste contexto?

Se tem? Tem, eu não participo diretamente da educação física, não, mas ela faz sim com certeza a professora, é.

13-Você considera importante o lúdico em sua sala de aula?

Sim.

14-Você considera alguma dificuldade pra trabalhar com o lúdico como falou sobre o espaço... Outra dificuldade muito grande, cada tempo que vai passando, cada ano que vai passando as crianças ficam mais agitadas, né... a não só a questão da dificuldade muita agressividade e isso, às vezes dificulta você trabalhar porque você inicia a atividade, mas você não consegue concluir porque devido a essa questão da agressividade fica difícil pra você trabalhar, e eu observo que isso não é só aqui nessa escola, a outra escola que eu trabalho, o depoimento de outras pessoas também ,de outros professores, eu acho que isso dificulta um pouco, só que a gente não pode deixar de fazer tudo por isso, mas a gente percebe que isso é uma coisa que atrapalha demais.

15-Você tem colocado o lúdico no seu planejamento?

Tento, tento como a gente já faz esses jogos mesmo de... Das letras móveis, dessas coisas assim a gente tenta colocar, essas pesquisas.

16-Você considera o lúdico importante na sua prática?

Sim.

17-Você acredita que o lúdico possa contribuir na aprendizagem do aluno?

Contribui né. Porque, às vezes ali no formal, aquela coisa a criança não aprende, às vezes num jogo, numa brincadeira, às vezes mesmo que a interferência não seja minha, seja de um colega, de outro amigo ele consegue de repente aprender alguma coisa daquilo que ele não tinha conseguido antes.

ANEXO II

Entrevista: Transcrição

Dia: 17/12/2009

Escola Municipal

Idade: 48

Quanto tempo atua como professora?

Desde 78

E com a alfabetização?

Deus do céu, agora tô perdida...

Quanto tempo atua como professora?

Nove anos

E na turma de alfabetização?

Também nove anos.

E você estava me falando dessa passagem.

E, eu vou... Teve uns dois anos ou três anos que eu acompanhei a turma na primeira série, aí eu retorno pra alfa.

E agora sobre sua trajetória escolar e de formação?

Eu fiz o segundo, eu fiz o... Eu estudei sempre em colégio público, aí fiz, fiz o segundo grau era num colégio lá na Engenhoca que eu estudei fiz o primário, é Escola Estadual Salgado Filho, aí depois na época passei fiz prova no Henrique Lage, passei fui estudar no Henrique Lage fiz o 1º ano básico no Henrique Lage, depois o curso que eu queria no Henrique Lage não tinha, mas por causa de colegas, porque minha vontade mesmo sempre foi fazer o pedagógico, mas aquele grupo adolescente, aquele grupo de colégio, foi indo pro Liceu e eu acabei indo e me desviando do que eu queria, aí fui pro Liceu, fiz básico em construção civil, na época eu estava namorando, estava noiva, aí logo após eu casei, tinha dezessete anos quando eu casei, aí casei é ... Terminei, quando terminei o segundo ano, no

caso quando terminei o segundo grau em básico de construção civil é... Eu terminei em dezembro e minha filha nasceu em janeiro, aí depois eu parei ali, não fui adiante faculdade, nada estagnei ali, né, logo depois eu tive um problema de vesícula tive que passar por uma cirurgia essas coisas toda acabei ali, aí fui ser mãe, cresceram as garotas quando elas estavam naquele, mas em período escolar, aquele sentar e tá ensinando naquela parte de leitura, aquilo tudo e me veio aquela vontade, aflorou, né ... De ser, de tá dando aula e eu ter abandonado meu sonho aquilo e eu e, era uma frustração muito grande ,aí quando elas estavam maiores é ... Eu entrei pra fazer o curso com elas no Cecília Meireles, ali em frente o Mauá, aí fiz... O segundo grau pra fazer o pedagógico, aí fiz o pedagógico terminei o pedagógico e aí fiz o concurso pra prefeitura eu passei, depois de estar 20 anos parada sem estudar, tinha retornado pra fazer o pedagógico, aí passei no concurso da prefeitura, mas eu passei assim eram 80 vagas só, lembro que eram 80 vagas que tinham, fiquei em octogésimo sexto lugar, aí não fui chamada, quando foi ...chamaram aquela turma em janeiro, janeiro, fevereiro, não me lembro pra iniciar o ano, quando foi em agosto eu fui chamada do mesmo ano, aí eu fui chamada, aí...no momento da escolha da escola não sabia que escola eu ia entrar, não tinha muita experiência em sala de aula, fui direto do pedagógico pra ... e aquele desespero qual escola eu vou entrar. Tinha uma escola em Guaxindiba que a diretora havia sido minha professora, aí... Eu escolhi pra lá, aí fui trabalhar lá, quando eu cheguei lá é eu peguei é quer dizer meu sonho desde a época do pedagógico era trabalhar com alfabetização sempre falei e tudo ,as professoras ficavam doidas porque geralmente não quer a alfabetização é... E principalmente a pessoa que esta iniciando e você... Tudo que tinha em relação a alfabetização eu ficava lendo, ficava procurando saber aí eu fui pra lá, lá não tinha vaga na alfabetização, aí tinha o terceiro período de jardim, eu peguei o terceiro período de jardim ; só que foi uma remessa de professores novos pra essa escola e tinha um professor recém formado também novinho, assim muito tímido que escolheu uma turma de terceira série e essa turma era uma turma muito, muito, muito difícil tinha é , já tinham passado três professoras por essa turma em três meses, aí a diretora foi me chamou e perguntou , falou que tinha uma proposta pra mim; olha professora tenho uma proposta não, tenho um pedido pra te fazer , você foi minha aluna, eu sei do seu potencial e tô com um problema sério aqui e eu gostaria que você me ajudasse, neste problema você tem carta branca pra agir, e o que você precisar da gente, da escola você tem total apoio, aí eu.... Tô com uma turma de terceira série é uma turma muito difícil e o professor que ficou na turma é um professor então tem alunas muito repetentes já mocinhas, não vai dar certo, ele é muito tímido, ele não ia conseguir dominar a turma e eu queria que você pegasse essa turma

porque eu sei que você vai conseguir, aí num tive escolha, né. Como decepcionar uma pessoa depois de tudo que ela disse, veio me jogando em cima de mim. Ela foi sua professora onde?

No Cecília?

Sim, no Cecília, aí eu fui aceitei o desafio, foi um grande desafio porque a turma realmente era uma turma muito, muito, muito difícil é... Comportamento, aprendizagem, tudo e no segundo dia não sei acho que no segundo dia que eu estava dentro de sala de aula chegou uma pessoa, um rapaz pra vender umas cartelinhas em sala dessas cartelinhas que criança fura e ganha um brinde e quando ele entrou que começou a falar, eles começaram a fazer bola de papel, jogar caderno e eu não sabia aonde enfiar a minha cara, foi um desespero total, né; aí eu tinha vontade de desistir, chegava em casa chorava, meu Deus do céu, eu não vou aguentar mais, eu não podia desistir, falei assim: não posso, eu não podia desapontar se eu desistir como é que eu vou ficar, aí que eu pensei primeiro salário que eu recebi eu comprei um som, estes sons portátil que na escola não tinha, aí montei um grupo de dança com as crianças e o comportamento mudou, foi mudando, conversa com eles sobre sexo, violência essas coisas todas e comecei a cativar e trazer eles pra mim e com isso o comportamento da turma mudou e sei que em outubro eu fui a única professora da escola que teve uma festa feita pelos alunos eu estando muito pouco tempo dentro da escola e começou assim receber elogios de todo mundo, foi assim uma coisa surpreendente, aí quando foi em...eu teve o ... No final do ano novembro, ia ter inscrição pro vestibular aqui da UERJ eu fiz passei e como pra lá era de difícil acesso, a dificuldade pra chegar por causa do ônibus, não era esse ônibus da 07 que tem agora era um verde e branco e demorava muito o ônibus às vezes quebrava no meio do caminho, eu pegava na escola uma hora e saía de casa dez horas pra chegar dentro do horário, geralmente eu pegava o turno da manhã ainda dentro da escola porque com medo de chegar atrasada. Na UERJ era a tarde? É ou eu me prejudicaria na UERJ ou eu prejudicaria a turma, aí foi quando minha cunhada conseguiu através de um político me trazer pra cá, aí eu estou aqui até aquela época, só trabalhei lá por seis meses, aí foi a diretora queria me oferecer um cargo de... Naquela época tinha um cargo de agente de cultura, me fez proposta pra eu trabalhar como agente de cultura que eu ia poder planejar meu horário, fazer meu horário, mas eu teria que atender os três turnos manhã, tarde e a noite, mesmo assim não daria porque eu teria dias que eu teria que faltar a faculdade pra ir lá, aí acabei saindo de lá e vindo pra cá, né. Foi aí que você começou direto na alfabetização? Aí comecei direto na turma de alfabetização, aí fazendo faculdade e na turma de alfabetização.

E você falou das suas filhas, vocês estudaram na mesma escola e curso normal e as três... É

são três uma estava no primário, ...do primário pro ginásio e a outra estava terminando junto comigo o curso profissionalizante. E ela também atua? Ela fez na área de saúde aí terminamos juntas, aí entramos também na faculdade junto e terminamos a faculdade junto. A formatura dela foi em agosto e a minha foi em outubro dia quinze de outubro devido foi na mesma época por causa das greves da UERJ na época e passou pra outubro.

Quais foram às motivações que levaram a escolha da docência? Você falou que antes mesmo de ir pro Liceu você tinha um sonho e quais foram as motivações, família, foi... Não porque dentro da minha família não tinha ninguém nessa área, eu sou de uma família que veio do interior do Norte, Nordeste e semi - analfabetos, meu pai, minha mãe, não tinha instrução nenhuma, assim a vontade mesmo é que eu gostava muito de estudar de ver os próprios professores dentro de sala. Os seus professores então teriam de certa forma, te motivado? Os meus professores teriam me motivado.

Na sua trajetória escolar fica muito marcado que eram os seus professores tiveram contribuição.

Eu tive professores, assim muito marcantes na minha vida, né... Então eu tive uma professora na quarta, ah... Na terceira série eu estudava lá na Engenhoca e foi a época que meu pai tinha falecido, minha mãe comprou uma casa no Galo Branco e essa casa passava um rio atrás, aí eu saí da escola e era aluna... Assim eu tinha notas excelentes, eu tinha notas muito boa, assim eu tinha aquele olhar até diferente de determinados professores, né; era muito quieta, então... Quando eu vim pro Galo Branco pouco tempo depois nós sofremos uma enchente é... E mamãe perdeu tudo e voltamos pra lá, estava no meio do ano eu não estava conseguindo vaga em nenhuma escola, aí essa professora me... É conversou com a diretora deram um jeito lá que conseguiu com um jeito lá que eu retornasse e voltasse pra mesma turma, isso aconteceu umas duas ou três vezes, até minha mãe desistir de me tirar de lá, eu morava na época no Galo Branco e ia todo dia pra Engenhoca, pegava dois ônibus, saia cinco horas da manhã com meu padrasto, saia com ele de manhã aí soltava ali na Venda da Cruz pra poder ir pra casa da minha vó fazer hora pra poder chegar a escola eu tinha que esta na escola 07h30min eu chegava lá 07h30min.

A ludicidade fez parte da sua trajetória escolar? Você consegue perceber?

Olha, na, nano colégio, a instituição não, mas antes de entrar nesta instituição escola tinha uma senhora que dava aula em casa e ela, os pais dela eram muito idosos e o pai dela fabricavam brinquedos de madeira caminhões, mesinha, móveis, então a gente tinha dentro dali tinha aquele envolvimento com a brincadeira, brinquedo com aquele material é... Triângulo são essas coisas de madeira que ela já trabalhava com uma parte antes de eu ir para a escola, como se fosse um pré-escolar ali com ela trabalhando cores essas coisas, então eu tive esse envolvimento, porque na época não tinha nem jardim, então essa trajetória, esse período foi assim teve essa parte lúdica com ela ali dentro. Antes de uma alfabetização, numa espécie de educação infantil, na casa dela? Na casa dela, ela morava em frente a minha casa era uma pessoa conhecida de toda a minha família, só estudava ali era primo meu, primo, irmãos, família.

O que mais te destacou nessa sua trajetória, na parte lúdica, você acabou de levantar que você tem na sua memória essa vivência lúdica teria outra memória que você possa trazer de alguma atividade lúdica ou essa seria a mais forte?

Essa foi a mais forte pra mim pela assim, pela simpatia, pelo carinho que a gente tinha do casal, que eram muito idosos e daquele convívio ali, das brincadeiras, com essa coisa toda, então isso foi muito marcante pra mim, eu tenho até na época da faculdade é... pra falar um pouco dessa trajetória se você tivesse falado eu tinha até trago o caderno, memorial é o memorial que foi feito na escola, na faculdade que eu fiz a respeito dessa vivência com ele isso tudo, mas foi porque na escola não tinha isso. Você tinha quantos anos? Eu devia ter uns cinco a seis anos, porque antigamente você entrava na escola com sete anos ou sete anos e meio, não lembro na alfabetização. Interessante que você tem uns 40 anos mais ou menos e essa memória foi uma memória que ficou marcada. Ficou, ficou muito marcada e até hoje eu tenho convívio com ela.

Essa atividade foi dentro de um momento infantil e você parte pra alfabetização. Como que fica, e percebe a sua alfabetização? Teve algum momento lúdico ou você não consegue perceber?

Não, não lembro, se você me perguntar da professora de alfabetização eu não tenho nenhuma lembrança dela, a única lembrança que eu tenho é dessa professora que foi a de alfabetização e de uma merendeira que tinha dentro da escola, porque nesse período eu

chorava muito pra ir pra escola era aquele desespero eu chorava então essa merendeira, me lembro dela perfeitamente, ela me pegava no colo me levava até a cozinha, mas da professora de alfabetização eu não tenho imagem nenhuma. A imagem que eu tenho é dessa senhora, que eu até hoje eu tenho convívio com ela, depois eu vim alfabetizar a neta dela aqui nessa escola mesmo que eu estou.

E na sua alfabetização você lembra-se da sua sala de aula, como era?

Nada não tem imagem nenhuma, incrível já tentei, não tem imagem nenhuma da minha alfabetização. Interessante, você querer trabalhar com a alfabetização e não ter uma memória marcada... Nada não tem imagem nenhuma... a única coisa que você lembra seria esse momento mais difícil que você não queria ir para escola... Isso que eu não queria ir pra escola.

E na sua graduação você teve a oportunidade de estudar a respeito da ludicidade do ponto metodológico?

Na faculdade eles apresentam muito a importância da ludicidade dentro do processo de ensino, né de ensino aprendizagem. A todo o momento a professora que trabalhava a parte de recreação, a professora de alfabetização, na parte de metodologia tinha muito direcionado essa área.

Na sua pesquisa de graduação qual o problema que lhe causou interesse?

Nós não fizemos pesquisa não, era assim durante a faculdade passavam algumas atividades determinados períodos, mas não teve esse foco em determinado assunto. Teve uma época que nós fomos pesquisar ter é... Estágio. Com as disciplinas? Com as disciplinas, em educação especial que assim me deixou muito deslumbrada como tudo, com as dificuldades que você iria enfrentar, assim a formação que eu tenho em relação a educação especial, a que eu fui buscar mais a fundo, nós fizemos ali naquele Ciep do Paraíso tanto da frente quanto de trás, eles tem a minha professora era, que fazia parte da Apada no Rio, no Imes... é aí nós tivemos assim ela levava vídeo essas coisas, aí houve um interesse maior porque foi na época que já estava começando a lei da inclusão, então a gente tinha que ter um aprofundamento maior porque você iria receber esses alunos e como lidar com isso, né?

Como que o lúdico é realizado em sua sala de aula?

Olha, é sempre assim hoje mesmo, não tinha mais atividade é assim escrita, começamos a fazer uma atividade com brincadeiras com eles, naquele dia fiz com o nome de pessoas, então assim não precisa haver um planejamento pra introduzir o lúdico, de repente determinadas atividades que eu tô dando eu puxo pro lúdico ali, puxo alguma coisa lúdica e vou brincando com eles ali, dentro do conteúdo sem que eles e eles ali vão brincando sem perceber que você tá dando o conteúdo. Mas há também o planejamento de determinadas atividades que eu faço o planejamento é introduzindo aquele tipo... Mas no geral seria uma percepção da turma e você consegue administrar as ludicidade nesse momento.

Quando o lúdico ocorre em sala de aula? Essa pergunta estaria relacionada aos momentos que você acabou de relacionar, seria então dentro dessa percepção, não tem nada planejado de acordo com horários, regras pra colocar esse lúdico, seria dentro de atividades?

Não há em determinadas ocasiões que a coisas planejadas, que eu planejo, hoje eu vou dar isso, vou puxar aquilo ali, vou fazer uma brincadeira vou uma atividade relacionada como o que eu tô dando, mas tem momento que não ocorre assim, né e às vezes de até uma determinada coisa que eles estão fazendo ali, você puxa uma brincadeira, é com rimas, com alguma coisa, brincando mesmo, sem que eles percebam que está puxando o conteúdo que você tá dando ali.

A ludicidade é utilizada na educação física ou faz parte de outras disciplinas?

É muito maior na educação física. Já seria este o momento estabelecido... É, mas não sei se você percebeu dentro da sala de aula da turma de alfa tem material que não é da escola é material nosso meu e da Cristiane, nós temos vários tipos de jogos de encaixe, e jogos de memória, jogos de palavras, é bingo é tem quando eles estão trabalhando uma dificuldade, trabalhando faço bingos de palavras com eles, confeccionam, trago faço com eles em sala de aula. O material seria de vocês mesmo, vocês trouxeram para atender essa particularidade da turma? Esse material que tem lá é meu, tem aqueles joguinhos de pregos, botão, de futebol de prego que eu mando fazer mo início porque pra tá trabalhando a musculatura da criança, mas tem regras tem o momento pra brincar, tem o momento, tem

determinada assim no início, é assim no início... No início quando inicia o ano eu dou aula até determinado tempo e depois junto, geralmente em grupo, aí eu vou dando determinadas brincadeiras, estipulo regras ali, dirigida, aí depois eles trocam, tem a liberdade de trocar, mas sempre assim em grupo.

Você considera a importância do lúdico na sala de aula?

Muito.

Você consegue perceber essa importância na aprendizagem?

Quando você trabalha com música, você viu a quantidade de cd, quando você tá trabalhando com música, eu gosto muito de trabalhar com o texto no início do processo de alfabetização com esses textos de música popular essas coisas que já são do conhecimento dele, então você trabalhar ali essa parte lúdica é de música, dança eles, eles amam e a aprendizagem fica muito mais fácil você tem que ter o cuidado pra que aquilo não tome uma proporção, uma bagunça, né. As coisas têm que ser orientadas pra que ele envolva nessa brincadeira de forma organizada.

Como você insere o lúdico no planejamento?

Olha, em determinado tipo no início tá trabalhando com vogais tem uma brincadeira que eu faço com eles você coloca vogais com alfabeto com todas as letras do alfabeto, aí você faz vários círculos com letras e bota uma criança no meio, aí você grita, fala determinada, todo mundo fora do círculo, aí você fala as letras trocadas eles tem que trocar de lugar e um não pode pegar o lugar do outro, tem vários tipos de brincadeiras que são introduzidas de acordo com o conteúdo que você tá dando, ditado, ditado muito mesmo faço demais no início do processo de alfabetização, todo dia eu preparo deixo um tempo pra um ditado, aí agora que o quadro tá... Aí eu entregava um giz na mão de cada um, colocava um num canto e o outro no outro e ditava a palavra um, dois, três tinham que vir correndo aí na medida em que viam correndo pra escrever a palavra no quadro, né. Aí o grupo que marcasse ponto e aqueles que ficam ditando a e assim, e com b então isso eles estão interagindo a todo o momento, isso eu faço muito com eles no início.

Qual foi a prática mais lúdica que mais te chamou mais atenção, nessas aulas mais lúdicas

você percebeu algum avanço com os seus alunos principalmente os alunos com dificuldade, problemas.

Com certeza, a parte de socialização, a parte, a Amanda ela não desenvolvia muito ela ficava sempre a parte então esta parte lúdica, tem a colaboração, um ajudando o outro ela tinha dificuldade na hora da escrita que ela ia ao quadro escrever e o grupo dela ficava ditando as letras pra ela escrever isso tudo faz parte com que a criança se solte mais interagindo de forma diferente com o grupo dentro de sala.

Agradecimentos

Eu acho que esta relação professor aluno é fundamental nesse processo ensino aprendizagem porque você, eu, por exemplo, faço uma análise de todo esse meu processo e você vê aqui as coisas mais marcantes dentro da minha vida escolar e da minha vida como aluna dentro de faculdade e tudo foram essas relações com esses professores, né. São os professores que marcaram a minha trajetória e que a todo o momento quando eu encontro alguma dificuldade me fazem refletir a respeito da maneira de agir do seu profissionalismo e você vai buscar caminhos diferentes pra enfrentar esses tropeços que você tem essas dificuldades que você vai encontrar dentro desse processo, então isso pra mim eu acho que é fundamental e eu acho que é a mola mestra nesse processo, porque eu vejo que eu trabalho aqui dentro da escola é onze anos aqui dentro e você viu aqui dentro da minha sala de aula a todo instante eu tenho aqueles alunos que já foram da minha turma: a tia vem me abraça me beija, às vezes com problemas de disciplina, com dificuldade aí eu sento boto aqui e às vezes eu faço papel até de que não tem nada haver com a minha função de professor orientacional, eu converso e a criança sai com outro... Olhando pra você assim de uma forma diferente e às vezes vai conversar de coisas que acontece dentro de casa, vem conversar com você, então eu acho que essa relação é muito importante essa abertura, esse respeito acima de tudo o respeito o aluno não tem que ter medo de você ele tem que ter respeito, não quero que o aluno tenha medo de mim eu quero que ele me respeite.

E você consegue perceber os professores que te influenciaram...

Trecho de uma conversa informal que tive com a professora B após a entrevista,

correspondendo a sua fala... Entre tantas histórias, experiências, relatos, reflexões, percebemos que os professores deixam marcas que incorporam aos alunos nas suas ações, sejam na sua prática, ou nas reflexões que fazem para atuarem e poder resgatar das memórias alguns momentos que lhe trazem uma inquietude ou tão somente salta de sua mente sem ao menos se percebida como algo importante são reveladoras e permitem desvelar esse universo tão singular que se encontra guardado nessa caixinha espetacular chamada: cérebro, que seleciona fatos marcantes com os quais seremos convidados a reviver com lembranças constituindo o indivíduo.